

POLARIZAÇÃO

Extrema-direita em sintonia global

Avanço eleitoral na Europa e nos Estados Unidos dá fôlego aos conservadores brasileiros

» INGRID SOARES
» LUANA PATRIOLINO

Em meio ao fortalecimento da extrema-direita na Europa e a possibilidade da vitória do republicano Donald Trump nos Estados Unidos, os conservadores do Brasil se alvorçaram com a expectativa de que essa onda possa influenciar nas eleições municipais de outubro. Paralelamente, a esquerda teme o enfraquecimento de sua base e atua para evitar o avanço do discurso de direita. Ao **Correio**, especialistas e políticos destacam como esses movimentos alimentam os debates por aqui.

Para o professor de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e coordenador do Observatório da Extrema Direita, David Magalhães, o comportamento do eleitorado europeu pode reforçar, sim, os discursos conservadores brasileiros, mas o impacto é menor do que os reflexos das eleições nos Estados Unidos, por exemplo. “A direita brasileira conhece muito pouco a direita europeia, a direita radical e a extrema-direita. A não ser o eixo mais ibérico com os partidos Chega (Portugal) e Vox (Espanha), que tem conexões, sim, com o bolsonarismo, no entorno sul-americano”, disse.

Magalhães destaca a diferença entre as agendas que separa a direita brasileira da europeia. Ele deu como exemplo o chamado PL do Aborto, projeto de lei que tem apoio da ala conservadora do Congresso.

“A direita brasileira é visceralmente vinculada a uma concepção religiosa, essa direita radical bolsonarista que, consequentemente, se coloca contrária ao aborto em todas as circunstâncias. A direita radical francesa — que se saiu muito bem nas eleições — tem uma raiz laica e secular que não dá para comparar com a direita radical religiosa daqui. E tem agendas que são mais específicas da realidade europeia como a agenda anti-imigração”, explicou.

Na avaliação do especialista em relações internacionais Rodrigo Gallo, as eleições nos Estados Unidos podem influenciar mais o Brasil do que a da Europa. “Para nós, em particular, isso pode ter um peso grande, uma vez que teremos eleições municipais no segundo semestre, e que sempre servem como laboratório para as eleições nacionais”, ressaltou.

O professor David Magalhães partilha do mesmo entendimento. “A nossa direita, basicamente, mimetiza a dos Estados Unidos. Quando George W. Bush fez a Guerra do Iraque, parte da direita reproduziu os argumentos dos neoconservadores americanos aqui, no Brasil. Depois, quando ascendeu o Trump com uma plataforma mais populista, antipolítica, essa agenda também foi reproduzida no Brasil”, disse.

Edilson Rodrigues/Agência Senad



Damares Alves na Comissão de Assuntos Sociais do Senado: “As pessoas se cansaram das narrativas esquerdistas”



A direita brasileira é visceralmente vinculada a uma concepção religiosa. Essa direita radical se coloca contrária ao aborto em todas as circunstâncias. A direita radical francesa tem uma raiz laica e secular, que não dá para comparar com a direita radical religiosa daqui

David Magalhães, professor de relações internacionais/PUC-SP

Segundo ele, tanto a direita quanto a esquerda no Brasil são influenciadas pelo pleito estadounidense. “Os Estados Unidos têm uma presença histórica não só na direita, mas na esquerda também. Muitos modismos acadêmicos dos progressistas reproduzem, inclusive, a linguagem da esquerda americana”, completou Magalhães.

Fator Bolsonaro

Sobre as últimas derrotas no Congresso em pautas de costumes, Lula negou, na semana passada, ter subestimado a ala conservadora. Disse não ter experiência em lidar com a “extrema-direita ativista” e pouco pragmática na política.

Na OIT, duas semanas atrás, já tinha falado da necessidade de combater o extremismo. “O extremismo político ataca e silencia minorias, negligência os mais vulneráveis e vende muita ilusão. A negação da política deixa um vácuo a ser preenchido por aventureiros que espalham a mentira e o ódio. A constatação da ordem vigente não pode ser privilégio da extrema-direita. A bandeira anti-hegemônica precisa ser recuperada pelos setores populares progressistas e

democratas”, pregou.

Em 10 de junho, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) comemorou, nas redes sociais, a derrota do presidente da França, Emmanuel Macron, nas eleições do Parlamento Europeu. Segundo ele, “a Europa se cansou da esquerda” e, em breve, o Brasil será o próximo a entrar “nessa corrente do bem”.

O senador Humberto Costa (PT-PE) lembrou que o Brasil é palco de forte polarização ideológica. Para ele, apesar das conquistas, o governo tem sofrido com a articulação política. “A articulação do governo tem muitas conquistas, mas, politicamente, não consegue ter articulação interna boa com o Congresso. A situação, hoje, é preocupante, espero que melhore”, admitiu.

A deputada federal e presidente do PT, Gleisi Hoffmann (PR), afirmou que o crescimento dos extremistas de direita nas eleições do Parlamento Europeu é mais um sinal de alerta para o campo progressista.

“Além de combater a rede de mentiras do novo fascismo, os governos democráticos precisam responder às demandas reais da população. Garantir vida digna, emprego e renda; trabalhar pela paz e cooperação entre povos

e países é o caminho para deter os inimigos da democracia e da justiça social em todo o mundo”, argumentou.

Entusiasmo

Ao **Correio**, a deputada federal Bia Kicis (PL-DF) disse que viu com “muita alegria” o resultado das eleições ao Parlamento Europeu. “Reflete o sentimento do povo que não aguenta mais as pautas ideológicas da esquerda, que estão destruindo a família e destruindo a base da democracia, que são as liberdades. Acreditamos, sim, que esse mesmo movimento se repetirá nos EUA, nas eleições de novembro e aqui no Brasil”, vaticinou.

O deputado federal Ricardo Salles (PL-SP), ex-ministro do Meio Ambiente de Bolsonaro, corrobora que a mudança política vista na Europa traz relevância ao cenário brasileiro. “Certamente, tem reflexos aqui. Comercialmente eles têm uma visão protecionista que impõe desafios, e, na pauta conservadora, não são iguais aos americanos. Também há a questão da imigração que é muito forte por lá”, disse.

A senadora Damares Alves (Republicanos-DF) defende a onda conservadora. “As pessoas se cansaram das narrativas e ideologias dos governos esquerdistas. As políticas econômicas baseadas na atuação excessiva do Estado, com sucessivos aumentos de impostos, sem o devido retorno em políticas públicas, pressiona a classe média e os produtores de riqueza. Nossos mercados ficam menos competitivos”, alegou. “Acredito que nos EUA teremos um governo conservador e isso vai se refletir, naturalmente, na América Latina como um todo, principalmente, no Brasil”, concluiu a senadora.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



O supremacismo branco disfarçado na política

A baixa representatividade de negros na política é um problema para toda a população e impede um desenvolvimento social necessário a todos. Por isso mesmo, a anistia às multas impostas aos partidos por não cumprirem as cotas destinadas ao financiamento das candidaturas de mulheres e de negros autodeclarados (pretos e pardos) seria um desserviço do Congresso à democracia brasileira. A proposta foi aprovada na Câmara, por iniciativa de seu presidente, Arthur Lira (PP-AL), cujo legado legislativo, se insistir nas pautas que vem apresentando, será um dos mais reacionários da história da Casa. Felizmente, o projeto de anistia das multas subiu no telhado do Senado, depois da insurgência do senador Renan Calheiros (MDB-AL), que apontou o caráter regressivo da proposta.

Apesar de todos os problemas em relação ao cumprimento da legislação eleitoral, daí o estoque de multas aplicadas aos partidos pela Justiça Eleitoral, as cotas destinadas ao financiamento de candidatos negros estão surtindo efeito, tanto quanto as das mulheres. Em 2022, de um total de 513 vagas para deputados federais no Congresso Nacional, foram eleitos 135 negros e pardos. Inédito foi o aumento significativo de mulheres negras eleitas para a Câmara dos Deputados, que passou de 13 para 29; porém, o número de homens negros ou pardos recuou de 111 para 106 no mesmo período. Uma das causas é a dificuldade dos candidatos negros de acessarem recursos para suas campanhas eleitorais e, consequentemente, se elegerem.

Segundo frei David Raimundo Santos, filósofo e teólogo, fundador do Educafro, nos processos eleitorais de 2014 e 2018, a disparidade na distribuição de recursos de campanha para candidatos homens negros em comparação com outros grupos já alertava para esse fenômeno, que levanta questões sobre exclusão e racismo estrutural no cenário político brasileiro. “A constatação de que, entre os candidatos competitivos, os homens negros receberam apenas 16% dos recursos de todos os tipos de doação de campanha, mesmo representando 21% dos candidatos a deputado federal, aponta para a confirmação de desigualdades estruturais”, avalia.

Frei David foi um dos artífices da retirada do projeto da pauta do Senado, cujos corredores e gabinetes percorreu, para tentar convencer os senadores do retrocesso que a anistia das multas por não cumprimento das cotas representaria. O religioso se notabilizou pela criação do Educafro, uma instituição que já garantiu o acesso de mais 60 mil jovens negros e muito pobres da periferia ao ensino superior. Sua tomada de consciência da condição de afrodescendente ocorreu quando iniciou a vida religiosa.

Mais espaços

“No seminário, éramos 37 seminaristas e só oito afrodescendentes. Percebi que os oito estavam em autonegação. Por que eu negava minha negritude? Então, houve um momento de discriminação muito forte comigo e decidi arrumar minha mala e ir embora. Um formador trabalhou comigo o seguinte: você sofre de uma doença, que se chama ideologia do embranquecimento. Você tem vergonha do seu cabelo, da sua cor, de tudo o que é ligado ao seu povo negro.”

Segundo Frei David, foi quando tomou a decisão que traria o seu destino: “Ali nasceu uma determinação: eu só aceito continuar a ser frade franciscano se for para dedicar minha vida a serviço da libertação do nosso povo negro no Brasil.” Já ordenado, num encontro com 100 jovens negros, descobriu que só dois pensavam em ir para a universidade. A partir daí, fundou o primeiro cursinho pré-vestibular comunitário para jovens negros do Brasil. Em um ano, eram mais de 2 mil pelo país. A Educafro, em mais de 30 anos, esteve à frente da luta pela lei das cotas nas universidades, do Prouni e, mais recentemente, do fundo eleitoral.

Uma das questões é a abertura de espaço para os negros nos partidos. De acordo com os números do TSE, nesse quesito, nas eleições de 2022, a direita venceu de goleada no número de eleitos autodeclarados pretos ou pardos em relação à esquerda. O placar foi de 77 a 31. Dos 135 eleitos, a direita elegeu mais da metade. Foram 25 pelo PL, 20 pelo Republicanos, 17 pelo União Brasil e 15 pelo PP. Nos partidos da esquerda, o PT elegeu 16 deputados negros. Pelo PDT foram seis; PC do B, quatro; PSB e PV, dois cada; e Rede elegeu um. Total de 31 deputados eleitos. Somados, os partidos do Centrão (MDB, PSD, Podemos, Avante e Pros) elegeram 27 deputados.

Em parte, o fenômeno se deve a ascensão do pensamento conservador nas famílias brasileiras e à presença significativa de negros nas igrejas pentecostais. No universo cristão, 59%, hoje, são evangélicos, o que representa 31% da população brasileira. Vem daí a ascensão de lideranças negras ultraconservadoras, como Fernando Holiday, Sérgio Camargo, Paulo Cruz, Hélio Bolsonaro e Guto Zacarias.

O problema é que essas lideranças negam a existência do racismo estrutural, que se manifesta por meio de estigmas, discriminações e violências. O apagamento da presença negra no Congresso é uma forma de supremacismo branco na política. “Exigir o investimento das verbas eleitorais nos homens negros, sem negligenciar o direito das mulheres negras, é um imperativo que a representação da população negra brasileira não pode abrir mão”, afirma frei David.

Barroso: democracia contra extremismo

» SARAH PAES
Especial para o **Correio**

Na abertura do Brazil Forum UK 2024, na Universidade de Oxford, no Reino Unido, ontem, o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Luís Roberto Barroso, declarou que o mundo enfrenta um teste crucial para preservar a democracia diante da ascensão da extrema-direita em vários países. O magistrado apresentou uma agenda de 10 pontos para o futuro do Brasil, baseada na Constituição Federal.

Barroso iniciou sua fala destacando a importância da democracia constitucional como um valor fundamental que deve unir todos os cidadãos. “A democracia

foi a ideologia vitoriosa do Século 20, tendo derrotado todas as alternativas que se apresentaram: o comunismo, o fascismo, o nazismo, os regimes militares e os fundamentalismos religiosos”, afirmou o ministro. Ele ressaltou que a democracia brasileira passou por uma “grande prova de fogo” devido à ascensão de uma extrema-direita intolerante e ao uso de discursos de ódio e de desinformação como estratégia política.

“A democracia brasileira, lembrou o embaixador Patriota, viveu uma grande prova de fogo, como o mundo tem vivido uma prova de fogo na preservação da democracia pela ascensão de uma extrema-direita intolerante em muitas partes do mundo,

pela utilização dos discursos de ódio e da desinformação como estratégia de atuação política. E em muitas partes do mundo, pela captura dos sentimentos religiosos com o uso abusivo em matéria política. E, ainda assim, no Brasil, nós conseguimos preservar as instituições e vivemos numa preservação, eu diria já longa, da institucionalidade sobre a Constituição de 1988”, disse o presidente do STF.

O ministro também enfatizou a necessidade de enfrentar a desigualdade no Brasil. Segundo ele, 30% da população vive em estado de pobreza. “Temos um sistema tributário extremamente regressivo e concentrador de renda”, disse Barroso.

HEBER BARROS/Divulgação



Barroso: “Democracia foi a ideologia vitoriosa do Século 20”